



FUNDAÇÃO COMUNITÁRIA TRICORDIANA DE EDUCAÇÃO
Decretos Estaduais n.º 9.843/66 e n.º 16.719/74 e Parecer CEE/MG n.º 99/93
UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE DE TRÊS CORAÇÕES
Decreto Estadual n.º 40.229, de 29/12/1998
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

PROMESSAS DE UM NOVO MUNDO

Três Corações

2006

DANIELA FERNANDA SILVA PAIVA NABACK

PROMESSAS DE UM NOVO MUNDO

Dissertação apresentada à Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR como parte das exigências do Programa de Mestrado em Letras, para obtenção do título de mestre.

Orientadora:

Prof^ª. Dr^ª. Geysa Silva

**Três Corações, MG
2006**

Aos meus familiares.

A todas as pessoas que estiveram envolvidas, direta e indiretamente.

OFEREÇO

Ao meu esposo, Paulo Rogério Naback.

A minha filha querida, Maria Eduarda Paiva Naback.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela constante força que me proporcionou para superar as dificuldades que encontrei durante o curso.

A minha querida orientadora, Prof^a. Dr^a. Geysa Silva pelo constante incentivo, sempre indicando a direção a ser tomada nos momentos de maior dificuldade.

A todos os professores, funcionários e alunos do Mestrado em Letras da UNINCOR, e todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta dissertação, dando-me força e incentivo.

E especialmente ao meu marido e amigo Paulo Rogério Naback e a minha filha Maria Eduarda que muitas vezes suportaram minhas necessárias ausências, e a toda minha família que sempre acreditou na conclusão deste trabalho.

“As palavras foram sempre invertidas pelas classes superiores; não indicam um significado, impõem uma interpretação.”

Michel Foucault

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	6
RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
PROTESTANTISMO X PENTECOSTALISMO.....	12
O MUNDO NOVO: NEOPENCOSTALISMO.....	16
DISCURSO RELIGIOSO: A palavra que tudo pode	21
É DANDO QUE SE RECEBE: O pregador em ação	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

IURD Igreja Universal do Reino de Deus

RESUMO

NABACK, Daniela Fernanda Silva Paiva. **Promessas de um novo mundo**. 2006. 46p. (Dissertação – Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR – Três Corações – MG¹

A palavra, segundo Mikhail Bakhtin², está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. O uso que se faz das palavras demonstra a intenção pretendida, juntamente com a expressividade, que passa a ser uma particularidade de cada enunciado. Em minha pesquisa, pretendo examinar o fenômeno religioso protestante no Brasil Contemporâneo, tendo como cenário a cidade de Três Corações, a fim de discutir o uso do discurso religioso como objeto de poder, através principalmente da linguagem. Para isso, analiso as modificações sofridas tanto nos discursos como nas ações religiosas com o objetivo de atrair fiéis e propagar a doutrina. Em suma, demonstrar o poder do “bom” uso das palavras dentro do universo religioso. A comprovação da hipótese levantada no trabalho baseia-se em Mikhail Bakhtin e Eni Pulcinelli Orlandi.

¹ Comitê Orientador: Prof^a. Dr^a. Geysa Silva – (Orientadora) – UNINCOR.

² Robert Stam Bakhtin – Da Teoria Literária à cultura de massas

ABSTRACT

NABACK, Daniela Fernanda Silva Paiva. **Promessas de um novo mundo**. 2006. 46 p. (Dissertation – Master in Letters). Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR, Três Corações – MG³

The word, second Mikhail Bakhtin⁴, is always loaded of a content or of an ideological sense or vivencial. The use that is done of the words shows the intention intended, jointly with the expressiveness that passes be it a particularity of each enunciated. In my research, will analyze the protestant religious phenomenon in Brazil Contemporary, having like setting the city of Três Corações, in order to discuss the use of the religious talk as object of be able to, across mainly of the language. For that, I analyze the so much long-suffering modifications in the talks as in the religious actions with the objective of attract faithful and spread the doctrine. In sum, show the power of the “good” use of the words inside the religious universe it. This hypothesis raised in the work, based itself in Mikhail Bakhtin and Eni Pulcinelli Orlandi.

³ Guidance Committee: Prof^a. Dr^a. Geysa Silva – (Major Professor) – UNINCOR.

⁴ Robert Stam Bakhtin – Of The Literary Theory to the culture of batters

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca refletir sobre as atuações do discurso religioso, especialmente nos tempos atuais, que muitos teóricos chamam de pós-modernos. Para alcançar este objetivo, proponho-me a fazer uma dissertação analítica a respeito dos discursos da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), isto é, examinar as convocações para cultos, panfletos e os próprios cultos percebendo também as repostas dadas a esses discursos. Também identificar o imperialismo, a soberania e a autoridade presentes através da estrutura discursiva que é o discurso literário religioso, sob os pressupostos de Eni Pulcinelli Orlandi, tendo como viés a Psicologia.

Essa análise privilegiará certas questões da Teoria da Linguagem como as estratégias utilizadas pelo discurso em questão com abordagem dialética sob a perspectiva discursiva de Mikhail Bakhtin.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, M,1992, p.123).

Sabe-se que, hoje, a fé encontra-se em uma situação paradoxal: os homens parecem não crer em outra existência que não seja a terrena, por isso procuram aproveitar cada momento “como se fosse o último”, levando ao extremo a máxima do *carpe diem*; por outro lado, essa descrença criou um vazio que leva as pessoas a se entregarem ao misticismo, às religiões orientais, aos cultos exóticos. A instituição Igreja, católica ou outra qualquer, está em declínio, pois a fé particularizou-se e se tornou um problema individual. Não se quer mais catequizar os gentios, porém deseja-se encontrar a paz interior, que a vida atual teima em negar. Nessas condições, se alguns querem aproveitar ao máximo a hora presente, outros correm para religiões as mais variadas, contribuindo para o aparecimento e proliferação de inúmeras igrejas antes inimaginadas: Deus é paz, Bola de Neve, Jesus é amor, Renascer, etc.

Entre essas igrejas surgidas no século XX, uma destaca-se pela importância que assumiu socialmente, em vista do número de adeptos que tem conseguido atrair para suas

fileiras e das polêmicas que tem gerado, principalmente aquelas relacionadas ao dízimo que é cobrado de seus “filhos”. Trata-se da Igreja Universal do Reino de Deus, que tem como dirigente principal o famoso Bispo Edir Macedo e que possui, inclusive, representantes no Congresso Nacional.

A Igreja Universal do Reino de Deus, situada em Três Corações e instalada nesse local desde 1992, faz-se ainda ativa na sociedade atual. Trata-se de um fenômeno único devido a sua forma bastante diferente de agir com fiéis. Esse processo se dá principalmente através dos discursos que são proferidos dentro da própria igreja, por ocasião dos cultos, além dos folhetos de propaganda que circulam entre os fiéis.

A linguagem utilizada nos cultos é a problemática em questão. Através desses discursos as pessoas passam a buscar e construir um *sentido* para suas vidas e uma nova forma de ver o mundo. A IURD *crece* porque uma multidão vem encontrando dentro dela algo que não tem encontrado em outros lugares. Não se pode esconder ou apoiar-se em discursos prontos e em análises que partem sempre de referenciais monolíticos, porque o fenômeno é completamente novo. Cabe ressaltar aqui, Robert Stam que em seu livro *Bakhtin Da Teoria Literária à Cultura de Massa* cita,

Bakhtin enfatizou a heterogeneidade concreta da *parole*, ou seja, a complexidade multiforme das manifestações de linguagem não só como sistema abstrato, mas também como uma criação coletiva, parte de um diálogo cumulativo entre o “eu” e o outro, entre muitos “eus” e muitos outros. (BAKHTIN, *apud* STAM, 2000, p.12).

Esta dissertação apresenta-se dividida de modo que no primeiro capítulo é abordado o surgimento do pentecostalismo apresentado sob a luz de alguns historiadores e pesquisadores, como Ricardo Mariano no seu livro “*Análise Sociológica do Crescimento Pentecostal no Brasil*”, Franco Crespi, (1999) no livro “*A experiência religiosa na pós-modernidade*” e Antônio Flávio Pierucci e Reginaldo Prandi em “*A realidade Social das Religiões no Brasil*”. Destaca-se aqui a diferença que havia entre os protestantes do Brasil e a ética protestante de Weber. Os protestantes do Brasil não privilegiavam o trabalho como fator determinante para fé.

No segundo capítulo, trato do pentecostalismo no Brasil e do surgimento da nova “corrente”, o neopentecostalismo, segundo os pressupostos mais uma vez de Ricardo Mariano

e Paul Freston. O rápido crescimento do neopentecostalismo é atribuído em grande parte as estratégias de linguagem utilizada pelos seus adeptos.

No terceiro capítulo analiso a linguagem dos pastores da IURD, segundo os princípios teóricos de Mikhail Bakhtin, abordando a questão do dialogismo, ou seja, o eixo do “eu” e do “outro”, e a concepção de que a vida é vivida nas fronteiras entre a particularidade de nossa experiência individual e a auto-experiência de outros. Para Bakhtin (1981) apud Stam (2000), o eu não está “lacrado”: ele é capaz de atravessar a fronteira e de imaginar o outro como sujeito e ver a si mesmo como objeto.

Finalmente no quarto capítulo, apresento falas e escritos dos pastores, que evidenciam claramente a estrutura do discurso religioso apontando criticamente para as maneiras como ele se organiza e instaura, a partir de textos de Jacques Derrida (1971, *A escritura e a diferença*) e Michel Foucault (*Nietzsche, Freud e Marx – Theatrum Philosophicum*) e Eni Pulcinelli Orlandi (1987, *Org. Palavra, fé, poder*)

PROTESTANTISMO X PENTECOSTALISMO

A fé existe naquelas pessoas que acreditam no mistério de uma Revelação divina.

A constatação é científica. A fé trouxe a humanidade até os dias atuais. Na caminhada evolutiva do homem, foram sendo extintas as populações que não desenvolveram o que o lendário biólogo de Harvard ERNST MAYR chamou de “A máquina de acreditar”. MAYR lembra que a faculdade humana de acreditar em um ser superior nasceu durante a era glacial, entre 80000 e 45000 anos atrás. Antes desse período não existem registros fósseis que indiquem algum apego humano ao sobrenatural. (VEJA, RETROSPECTIVA, edição 1834, 2003, p. 106)

Como afirma Darwin (1871) (<http://www.infidels.org/library/historical/charles_

[darwin/descent_of_man/](http://www.infidels.org/library/historical/charles_darwin/descent_of_man/)>) “Acreditar em deus não é apenas a única, mas é também a maior diferença a separar os homens dos animais”. Darwin escreveu também que o “dom de acreditar” não é instintivo no homem. Ele relata, em sua formulação sobre esse tema: “A fé surgiu como consequência dos consideráveis avanços da capacidade racional do homem. Ela nasceu da imensa capacidade humana de exercer sua curiosidade, sua imaginação e sua facilidade em se encantar”.

A fé não está gravada nos nossos genes, mas surgiu do espírito investigativo humano como a escrita e o fogo. A fé, simplesmente, aparece na história humana de um momento para outro, de forma abrupta. E desde então se fez companheira inseparável da humanidade no processo evolutivo. Ela criou a cooperação, favoreceu a coesão dos clãs e, principalmente, deu-lhes a noção de transcendência, de futuro e, portanto, de planejamento.

Antes de Jesus começar a pregar, os homens expressavam sua fé quase da mesma maneira. Para agradar aos Deuses que eram as figuras máximas da autoridade, seus adoradores passavam por cima de todas as regras de convivência. Esse período religioso pode ser constatado através da história do Velho Testamento em que Deus, como prova de lealdade, determina ao patriarca Abrão que mate o próprio filho, Isaac. Antes do golpe fatal, um anjo segura a mão do patriarca, Deus se dera por satisfeito. Quando Jesus apareceu, ele inverteu essa lógica milenar com um ensinamento simples; amar a Deus é amar ao próximo. E sendo assim, depois de Jesus, Deus passou a ser o Deus da misericórdia, da compaixão e do

perdão. Nenhuma religião ou filosofia que precedeu Jesus foi tão clara em estabelecer esses preceitos.

A palavra de um único homem - Jesus Cristo - foi interpretada de várias formas gerando três grandes ramos: católico, ortodoxo e protestante. Católicos romanos mantêm-se subordinados ao poder centralizado do papa. Suas principais diferenças com os demais segmentos da religião estão relacionadas à crença em santos e às representações da imagem de Cristo. Graças às discordâncias sobre questões teológicas pontuais, como o papel das imagens de Cristo, a cristandade se parte em duas e surge a religião ortodoxa. Menos centralizada que o Catolicismo, a religião foi se fragmentando: as igrejas ortodoxas russa e grega são hoje as duas principais.

Em 1517, Lutero denunciou falhas na condução do cristianismo. A polêmica acabou dando origem ao terceiro grande ramo do cristianismo, ao lado da Igreja católica e da Ortodoxa, o protestantismo. A primeira grande fenda, no até então indevassável poder papal sobre as almas do Ocidente, foi feita por Lutero. A ele se seguiram outros. Na Inglaterra, o rei Henrique VIII criou sua própria dissidência do catolicismo – depois batizada de Anglicanismo – só porque o papa não queria que ele se divorciasse e casasse de novo. Na Suíça, Ulrico Zwinglio e João Calvino aprofundaram as reformas de Lutero. Zwinglio pregava o princípio que fundamentaria todo o movimento: o cristão deve seguir apenas a Bíblia (os católicos aceitam influências de teólogos, como Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino). Já Calvino foi o responsável pela introdução do puritanismo, que combinava regras rígidas de conduta com uma fervorosa dedicação ao trabalho. No começo do século XX, o sociólogo alemão Max Weber publicou o texto clássico *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, no qual atribuía a essa invenção de Calvino o sucesso do capitalismo em países evangélicos.

A avaliação religiosa do infatigável, constante e sistemático labor vocacional secular, como o mais alto instrumento de ascese, e, ao mesmo tempo, como o mais seguro meio de preservação da redenção da fé e do homem, deve ter sido presumivelmente a mais poderosa alavanca da expressão dessa concepção de vida, que aqui apontamos como “espírito” do capitalismo. (WEBER, 1992, p. 123)

Todos esses movimentos estimulavam o fim do monopólio da Igreja sobre a interpretação da Bíblia. Cabia a todo e qualquer cristão ler as Escrituras e tirar delas o que

quisesse. Os protestantes recusavam a idéia de que um único líder – o papa – deveria guiar os rumos da religião. Foi isso que começou a fragmentação do movimento em diversas correntes, com pequenas diferenças doutrinárias. Surgem os batistas, os metodistas, os presbiterianos....

Entretanto, o Brasil colonial passou quase imune à avalanche protestante. Houve apenas algumas exceções, como os calvinistas franceses e holandeses que invadiram o país – o primeiro culto evangélico por estas terras foi celebrado por franceses no Rio de Janeiro, em 1557, 57 anos depois da primeira missa católica inaugural. Era proibido realizar cultos de qualquer religião que não o Catolicismo, no território português.

No Brasil, a liberdade religiosa só veio com a independência, na Constituição de 1824, ainda que impondo restrições de que as reuniões acontecessem em locais que não tivessem “aparência exterior de templo”. No mesmo ano, alemães fundaram a primeira comunidade luterana do Brasil. Logo depois, chegaram as correntes missionárias como os metodistas, dispostas a pregar nas ruas para salvar almas. Eles caíram nas graças da elite intelectual republicana que, impressionada com a “ética protestante”, defendia a presença de evangélicos como condição para a modernização do país. Mas os protestantes, que prosperaram no Brasil, não seguiam os preceitos da ética protestante de Weber.

No início do século XX, a fundação de duas igrejas seria decisiva para definir o perfil evangélico nacional: a Congregação Cristã no Brasil, inaugurada em São Paulo, pelo italiano Luigi Francescon, em 1910, e a Assembléia de Deus, aberta um ano depois em Belém, pelos suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg. Apesar da origem européia, eles chegaram ao país via Estados Unidos, onde se envolveram com uma nova corrente protestante, o pentecostalismo.

O pentecostalismo cresceu na classe de menor poder aquisitivo, promovendo cultos de adoração fervorosa e improvisada, bem dissonantes dos protestantes tradicionais, tão formais quanto contidos.

Uma vez introduzido esse “novo protestantismo”, ou seja, o pentecostalismo, o cenário religioso brasileiro sofreu mudanças significativas. Para participar das novas congregações, os fiéis eram obrigados a se submeter a rígidas normas comportamentais. Os

pentecostais eram os “crentes” estereotípicos: mulheres de cabelos compridos e saia, homens de terno e Bíblia na mão. As palavras essenciais para entender suas rotinas de vida são ascetismo (recusa de usufruir os prazeres da carne) e sectarismo (o isolamento do restante da sociedade). Por trás delas, está a idéia de que o cristão deve se manter concentrado em Deus. Só assim ele pode evitar que o Diabo ganhe espaço na sua vida. Para os pentecostais, o mundo é simples: o que não é de Deus é do diabo.

O movimento era desaprovado tanto por católicos quanto pelos protestantes “históricos”, como são conhecidas as correntes diretamente ligadas a Lutero e Calvino. Nem uns nem outros gostavam da principal característica da doutrina pentecostal: a exacerbação dos poderes sobrenaturais do Espírito Santo (a palavra “pentecostalismo” vem de uma passagem da Bíblia que diz que, num dia de Pentecostes – a Páscoa judaica -, o Espírito Santo desceu aos apóstolos e começou a operar milagres). O mais notável desses poderes é a capacidade que Deus tem de curar imediatamente qualquer problema de saúde – daí as cenas de aleijados abandonando muletas e míopes pisando nos óculos.

Até a década de 50, esse modelo reinou sozinho no pentecostalismo nacional. Fez sucesso, mas ficou restrito a grupos relativamente pequenos. Mas o pentecostalismo também não escapou do fervor religioso que invadiu todos os grupos sociais com maior ou menor intensidade, o movimento “neopentecostal”, considerado pelos estudiosos da religião como um dos movimentos mais marcantes nos últimos anos. E foi com o surgimento dessa prática religiosa mais “aberta” aos desejos particulares dos fiéis, onde alguns preceitos foram esquecidos ou reformulados, que houve uma efervescência social, um reavivamento da fé nunca antes percebidos. Esse fenômeno vem acompanhado da ausência de fundamento. Isso já era sustentado por alguns pensadores religiosos há algum tempo, como podemos perceber segundo Stefano Martelli (1995, p. 19) “... o novo interesse pelos fenômenos religiosos seja acompanhado pelo esquecimento da espessura institucional e pelo esvaziamento da dimensão ética dos fenômenos religiosos.”

O MUNDO NOVO: NEOPENCOSTALISMO

A chegada da “segunda onda”, do pentecostalismo no Brasil, no entanto, traria uma novidade. É o que se convencionou chamar de “neopentecostalismo”. Em 1951, inaugurou no país a Igreja do Evangelho Quadrangular, ou seja, o pentecostalismo de costumes liberais. Inovações como os hinos com ritmos populares, a forte utilização do rádio e regras de comportamento menos duras, todos ingredientes indispensáveis do “evangelismo de massas”, foram práticas importadas pela Quadrangular, fundada nos Estados Unidos em 1923. E embora, sejam somente uma folhinha recente num ramo secundário da árvore da fé, são responsáveis pela explosão mundial evangélica. Ricardo Mariano, (1999) no seu livro “*Neopentecostais*”, divide o pentecostalismo brasileiro em:

[...] três ondas[...] pentecostalismo clássico; [...]A segunda onda teve início nos anos 50 na cidade de São Paulo com o trabalho missionário de dois ex-atores de filmes de faroeste do cinema americano, Harold Williams e Raymond Boatright, vinculados à International Church of The Fourthsquare Gospel [...] A terceira onda começa na segunda metade dos anos 70, cresce e se fortalece no decorrer das décadas de 80 e 90[...] demarca o corte histórico-institucional da formação de uma corrente pentecostal que será aqui designada de neopentecostal. (p.28-33, ênfase do autor).

Nos anos 60, a nova religião era vista como uma forma de migrantes de zonas rurais enfrentarem a falta de valores e regras da sociedade moderna e estabelecerem relação de solidariedade na metrópole. Demorou anos, mas essa hipótese foi desacreditada.

Em recentes estudos, as motivações para a conversão estariam nas soluções mágicas oferecidas. Para o sociólogo Ricardo Mariano (1999) “*Uma grande parcela da população não tem acesso ao serviço de saúde – e, quando tem, recebe atendimento precário e mal entende os médicos. É muito mais fácil, e faz mais sentido, acreditar que os problemas são causados pelo demônio e se tratar na igreja*”.

Algumas das marcas que caracterizaram o mundo teológico das igrejas neopentecostais são: o espírito do fundamentalismo (quer dizer, eu estou certo, quem pensa diferente de mim está errado e a rejeição da abordagem da bíblia usando diversas ciências humanas), exacerbado individualismo, teologia da prosperidade, confissão positiva, reconstrucionismo, misticismo, magia etc.. Algumas destas marcas indicam, de certa forma, que houve uma descoberta e sedução do mundo sagrado, o qual passou da exclusividade e privatização eclesial, para quantos o desejarem. Silveira Campos (1999) numa análise do neopentecostalismo aponta:

[este...] conseguiu superar a frieza litúrgica protestante, e trazer de volta a teatralidade original do culto, a força expressiva, a originalidade e a criatividade à um serviço religioso que perdeu quase toda a carga lúdica e festiva [...] O protestantismo cometeu o engano de excluir de suas liturgias quase todo o conteúdo estético e abandonou os símbolos,[...]a poesia e até mesmo as luzes e roupas coloridas [...] acabou por eliminar[...] o lugar da sensibilidade global e completa do ser humano em situação de culto [...] o culto protestante assumiu uma postura elitista pois se atrelou a uma cultura burguesa, individualista, capitalista, de supervalorização da racionalidade. Esse clima de decomposição cültica entre os cristãos tradicionais provocou entre muitas pessoas uma aumento na demanda por rituais, experiências místicas e formas de culto diferenciadas {p 86-90}

O homem pós-moderno atordoado pelas mudanças procura ajuda para suas aflições no mundo transcendental, e nesse momento aparecem essas “religiões” oferecendo respostas às indagações e problemas.

A renovação atual do interesse pela religião, portanto, pode ser explicada, ao menos em parte, como reação a situações de desorientação generalizada, decorrentes da acentuada diferenciação dos âmbitos de significado e pelo pluralismo das fontes de produção dos valores e dos modelos culturais. (CRESPI, 1999, p.9).

As linhas que alinhavam todo este despertar religioso estão em dois pontos: a ênfase no individualismo e a sedução pelo sagrado. Essas vértices são claras na pregação neopentecostal. As campanhas religiosas, os programas de televisão, a literatura neopentecostalizante caminham por essas vertentes. A identidade religiosa agora é pluralista. Embora membro de uma igreja ou denominação, o indivíduo sente a necessidade e tem a sua liberdade de expressar sua fé como ele entender. Ao mesmo tempo pode escolher quais “produtos”de outra religião pode acrescentar à fé, mesmo que isto desvirtue a fé cristã. A subjetividade passa ser um aferidor da verdade.

Dessa forma, é claro que as opções religiosas serão marcadas pelo subjetivismo, o que poderá inclusive aumentar (como de fato aumentaram!) as chamadas adesões

parciais: o indivíduo aceita uma parte dos dogmas e da disciplina da religião institucionalizada, mas discorda e rejeita outra parte. (ANTONIAZZI,1994, p. 12)

O neopentecostalismo trouxe mais próximo o “totalmente outro”. Aquilo que por muitos anos esteve em mão da hierarquia sacerdotal, mesmo dentro do protestantismo de missão, que teologicamente tem como fundamental a doutrina do “sacerdócio de todos os santos”, porém na prática isto não acontecia. Existia uma certa esquizofrenia em unir estas duas realidades. Teologicamente ortodoxos, porém, na prática, não havia vivência deste sacerdócio.

Os ritos, as liturgias, a pregação, a profecia, a oração em si, as ordenanças (batistas) ou sacramentos tais como ceia e batismo, etc. sempre estiveram ligadas ao clero. De forma invisível existia uma “parede de separação”. Os elementos visíveis da fé e os seus ritos tinham sido privatizados, agora o neopentecostalismo lançou mão do princípio mais caro do protestantismo de missão que é a “liberdade cristã”. Como Lutero afirmava que o homem cristão é senhor de todas as coisas e nada pode tirar a sua liberdade ou o dominar debaixo de qualquer jugo. Era o “princípio protestante” assim chamado por Tillich que estava sendo levado até as últimas conseqüências (Mendonça 1997.p.121).

A religião tornou-se uma mercadoria que vale o quanto for sua eficiência perante os problemas da vida cotidiana. Nesse sentido, o avivamento do sagrado, a recuperação da relação com o sobrenatural, se dá por via daquelas que convencionou-se chamar de religiões de consumo, aquelas ditas mágicas ou do “aqui e agora”: as neopentecostais.

As igrejas neopentecostais diferenciam-se das outras em três aspectos fundamentais: exarcebação da guerra espiritual contra o Diabo, pregação enfática da Teologia da Prosperidade, liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade, e a quarta e mais importante diferença, são estruturadas empresarialmente.

Os neopentecostais são menos sectários em sua relação com o “mundo”, moldam-se, a fim de atingir seus objetivos reais, ou seja, transformar o mundo através da conversão individual e da inculcação da moral bíblica.

A Igreja Universal do reino de Deus é vista como “ponta-de-lança” do neopentecostalismo porque conseguiu fundir características de outras religiões para criar seu próprio universo. Defendem que o fiel está destinado a ser próspero, saudável e feliz, ao

contrário da velha proposição pentecostal que afirmava uma existência terrena dominada pela pobreza material e o sofrimento da carne. A mensagem neopentecostal é com esta vida e com este mundo. Ao dedicaram-se a este mundo e a esta vida para resolver magicamente os problemas cotidianos dos fiéis, distanciam-se totalmente da escatológica pentecostal clássica (auto-exclusão da vida social e ao ascetismo intramundano) , pré-milenarista, baseada na eterna e resignada espera do retorno de Cristo. Os neopentecostais, em vez de rejeitar o mundo, afirmam-no.

Na cidade de Três Corações, no sul de Minas Gerais, a IURD está localizada no centro da pequena cidade onde outrora era um cinema. Instalou-se com seus seguidores privilegiadamente a frente de um ponto de ônibus, onde diversas pessoas passam e param a fim de esperarem suas lotações durante todo o dia. Certos desse privilégio, os evangélicos aproveitam da situação para interpelarem os cidadãos.

A IURD, particularmente a citada neste trabalho, é dirigida a classe média baixa e classe baixa. Os mesmos que, em sua maioria, utilizam o meio de transporte coletivo, sem querer demonstrar aqui algum preconceito. O discurso usado pelos evangélicos refere-se ao lema da igreja “Pare de sofrer”. Para a divulgação da Igreja os obreiros, voluntários designados a pregar o Evangelho, distribuem folhetos em locais públicos, colaborando para a expansão do reino de Deus.

A IURD apresenta um discurso veemente onde as perguntas retóricas são *a priori* conhecidas, usa-se também muito a *exemplaridade* . Essa *exemplaridade* a nível do sagrado adquire um papel fundamental, quando permite ao fiel perceber a atualidade ou seja, a sua vivência nos testemunhos. . O próprio Bispo Edir Macedo nos dá um exemplo disso ao relatar como foi sua conversão:

Eu era uma pessoa triste, deprimida, angustiada. No fundo do poço busquei a Igreja Católica e só encontrei um Cristo morto. Aquilo não satisfez o meu coração e parti para o espiritismo, mas as idéias que aí encontrei não se coadunavam com as minhas. Então, um dia, tive esse encontro pessoal com Deus (...) Estava em uma reunião pública, de evangelistas, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio. As pessoas cantavam e, de repente, desceu uma coisa sobre nossa cabeça, nosso corpo, como se estivéssemos sendo jogados debaixo de um chuveiro. Foi algo ao mesmo tempo físico e espiritual, abstrato e concreto. Pude me ver como realmente era, e eu me via como se estivesse descendo ao inferno. Caí em prantos. Então a mesma presença me apontou Jesus. Foi quando nos convertemos e nos entregamos de corpo, alma e espírito. (Folha de São Paulo, 20.6.91)

Nesta nova teologia, possuir uma fé inabalável, observar as regras bíblicas para se tornar herdeiro das bênçãos divinas e o principal “sacrifício” : ser fiel ao dízimo dando generosas ofertas com alegria, amor e desprendimento é o caminho para a felicidade.

DISCURSO RELIGIOSO: A PALAVRA QUE TUDO PODE

A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. (Mikhail Bakhtin)

O uso que se faz das palavras demonstra a intenção pretendida, juntamente com a expressividade que passa a ser uma particularidade de cada enunciado. E é através da análise dos meios verbais dos discursos religiosos que tentaremos perceber o processo de persuasão, que utiliza de modo arbitrário e autoritário a linguagem.

Esses discursos determinam suas verdades, que farão parte de suas vontades e interesses, elegendo-as como únicas e inquestionáveis. Valendo-se da prerrogativa que os discursos, nesse caso não só os religiosos, são organizados de forma que possam afirmar seu poder.

... suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, M. 1996, p.8)

O discurso religioso, ressaltando aqui o da IURD, confirma a linguagem como construtora de símbolos indicadores do aspecto religioso da vida. Símbolos que tornam-se nítidos, através da necessidade de existir o bem e o mal, o sagrado sobrepor-se ao profano e a constante preocupação com a salvação.

Prevalece nestes discursos a função interpretativa nesse momento de disputa “por almas”. Esses discursos dirigem-se para um determinado público, e busca a interação plena do locutor e do interlocutor para atingir seus objetivos.

... a religião é vista como uma reserva de símbolos e significados à disposição do indivíduo, cuja eficácia é, portanto, limitada à esfera privada ou a grupos pequenos. (MARTELLI, Stefano, A religião na sociedade pós-moderna, editora Paulinas, p.19, 1995, São Paulo)

O discurso se destaca como peça fundamental, no meio de uma competição religiosa, pois é através da palavra do pregador, que os fiéis são induzidos à verdade que se quer difundir. Dotada de um poder profético, que ao agir em nome de “Deus” tudo pode, diferencia-se da palavra do ouvinte pela forma como se impõe como retrata a retórica, no discurso religioso.

(...) mas palavra profética continua a situar-se num outro nível, através de um discurso cuja ética transcendental tudo vê, tudo pode, tudo concilia mesmo quando ameaça, porque não é uma conciliação entre as partes, mas uma subsunção a uma instância superior. (ORLANDI, 1987, p.37)

Toda ação discursiva é permeada por manifestações autoritárias. O fato de a retórica se valer de temas que são apresentados para falsamente serem destruídos, de modo a evidenciar a responsabilidade individual pelo trajeto a ser percorrido até a salvação, é visto aqui, como meio de manipulação.

Ao determinar sua verdade interditando o discurso daquele que não comunga com sua doutrina ou que possa questioná-lo, percebemos a existência de dois discursos: o que fala (dita as regras - Igreja) e o que ouve (calado - fiel), mantendo uma atitude de fé inquestionável, se curvando à vontade da verdade dominante, como em qualquer discurso religioso.

(...) devemos lembrar a ilusão subjetiva que é constituída do sujeito falante, isto é, o fato de que ele produz linguagem e também está produzido nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso quando, na verdade, o seu dizer nasce em outros discursos. (ORLANDI, 1987, p.158)

O sujeito, que vive esse discurso das religiões, absorve cegamente todo o procedimento de controle. Qualquer vontade reconhecida por esse sujeito diferente do discurso da religião é imediatamente mal vista, pois a verdade dita pelo discurso religioso é soberana a tudo.

Nesse ponto, não há como não contrapor fé e saber. O indivíduo, que não é sujeito do conhecimento tem seus discursos impedidos, através de uma simplória justificativa: é

“pecado”. O sujeito que não se enquadra nesse perfil, não se satisfaz dentro dos limites doutrinários da fé de “mero culto”.

Jacques Derrida já questionava:

... será que se pode dissociar um discurso sobre religião de um discurso sobre a salvação, isto é, sobre o são, o santo, o sagrado, o salvo, o indene, o imune (...)?(DERRIDA, 2000, p. 11)

Considerando a situação de sujeito interpelado do fiel, não será possível dissociar o discurso de temas como salvação, mal, etc. Uma vez que temas assim são indispensáveis às religiões, juntamente com o princípio que sustenta a ordem deste discurso que é a crença em um ente supremo.

Mais que tudo o que já pôde ser visto, a IURD é como um verdadeiro “pronto socorro espiritual” abusa em seus discursos de simbolismo e manifestações sobrenaturais para comprovar a seus adeptos que é possível se salvar das artimanhas de um demônio, esse responsável pelos obstáculos enfrentados no caminho para uma vida melhor.

O controle é facilmente percebido, por aqueles que não estão envolvidos, no discurso. Obedecer é a palavra de ordem. Deus está presente e tudo vê. E não apenas a palavra, mas o olhar também manterá as regras:

(...) sem necessitar de armas, violências físicas, coações materiais. Apenas um olhar que vigia e que cada um, sentindo-se pesar sobre si. Acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo. (DERRIDA, J; Salvo o nome. Trad. Nícia Adan Bonatti. Campinas, SP: Papirus, 1995)

Quando falo em discurso, não me refiro somente ao sentido restrito do termo, mas sim, num sentido amplo. Os panfletos distribuídos são também um dos elementos da comunicação verbal. Quando se faz a leitura desses panfletos, o leitor acaba por responder a alguma coisa, confirmando, refutando, seja antecipando as repostas e objeções anteriores, ou procurando apoio.

Na ótica universal (IURD), é preciso disciplinar comportamentos tanto quanto “salvar almas”, e esse discurso legitima o ataque às outras práticas religiosas diferentes do puritanismo idealizado. Os pastores procuram combater as religiões diferentes, tanto o catolicismo como as mediúnicas, concebidos como obstáculos ao seu projeto salvacionista, pois outras denominações protestantes instaladas na cidade, apesar de divergências teológicas, não constituem em ameaças. Para a decodificação da linguagem universal, ponto nodal desta dissertação, recorreremos às considerações de autores que desvelaram os significados de diferentes enunciados.

Eni Orlandi afirma que, para a compreensão de um discurso, é necessário estar atento às condições em que foi produzido e considerar a linguagem como “interação, vista esta na perspectiva em que se define a relação necessária entre o homem e realidade natural e social”(1988, p. 17). Para a autora, o dizer de um texto não se origina somente no desejo do ator em cena, mas nasce de outros discursos: Do ponto de vista discursivo, as palavras, os textos, são partes de formações discursivas que, por sua vez, são partes de formação ideológica. Como as formações discursivas determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em conjuntura dada, assim é que se considera o discurso como fenômeno social (ORLANDI, 1987, p. 158).

Michel Pêcheux ressalta que o sentido das palavras não pode ser buscado unicamente na sua literalidade “...mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo no qual as palavras, expressões e preposições são produzidas (isto é, reproduzidas)”(1995, p. 160).

Paul Henry reitera que a linguagem deve ser entendida em conjunto com as relações sociais que marcam determinado período, não se desvinculando da ordem do signos: A linguagem (ou jogo, ou ordem dos signos, ou o discurso) não é entendida como uma origem, ou como algo que encobre uma verdade existente independentemente dela própria, mas sim como exterior a qualquer falante, o que define precisamente a posição do sujeito, de todo sujeito possível (1993, p.29).

Helena Brandão aponta que as condições sócio-históricas não são secundárias na formação de um discurso. Analisando a articulação dos processos ideológicos aos fenômenos

lingüísticos, concluiu que: A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente (na medida em que está engajada numa intencionalidade) e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia(1995, p. 12).

Baseando-se nas conclusões desses autores constatamos que o discurso universal (IURD) na cidade de Três Corações, é permeado por outras falas, que, somadas às representações do grupo, fecundam novas formas de relações sociais. Ao discursar sobre questões atinentes à mulher, à família e à saúde, os universais se identificam com o processo normativo de valores e costumes desencadeado por diferentes instituições públicas e privadas. Visam preparar a população para a salvação eterna, e com isso conseguir a gratidão dos fiéis. O discurso dos universais, legitimado por reflexões teológicas, ou seja, pela voz divina, atua como um veículo de delimitação social, coerente com seus próprios conceitos políticos, religiosos e econômicos que visam à formação de uma população ordeira e obediente aos preceitos da igreja. Reforçam, com seu discurso moralizante, os valores culturais da sociedade. A linguagem que utilizam alimenta uma guerra interminável contra um mundo ao qual resistem, e a condição básica para aceitá-lo é a sua transformação. Rubem Alves reitera que: “a linguagem religiosa se origina nas emoções e, por isto, é necessário identificar as emoções a partir das quais ela se construiu praticamente”(1982, p. 53).

A polêmica com o catolicismo como forma de se projetar na sociedade foi uma característica comum a todas as religiões protestantes, e ainda hoje é um argumento poderoso. A IURD não foge à regra. Apontado que o discurso constrói, em um mesmo movimento, sua identidade e sua relação com outros discursos, Maingueneau afirma que a polêmica “...presume a partilha do mesmo campo discursivo e das leis que lhe são associadas. É preciso desqualificar o adversário, custe o que custar, porque ele é constituído do Mesmo que nós, mas deformado, invertido, conseqüentemente, insuportável”(1993, p125).

Dados esses pressupostos a IURD precisa “travar” uma luta para sair vitoriosa, seja com outras religiões, seja contra seu maior inimigo, isso justificaria a necessidade de sua existência, ou seja, a única combatente possível contra esses inimigos da obra de Deus. Essa igreja acredita no mal, ele é uma realidade viva e atuante na vida das pessoas através de seu criador, o demônio. Ela não só o reconhece como também o exorciza, convertendo e curando

as pessoas. A figura do demônio está tão presente nesta igreja que sem ele a IURD não poderia ser o que é.

É DANDO QUE SE RECEBE: O PREGADOR EM AÇÃO

Através do trabalho dos pastores da Igreja Universal do Reino de Deus, da cidade de Três Corações, nos é possível perceber o processo transformador do discurso religioso evangélico. Para dimensionar essa ação discursiva foi analisada a fala dos pastores dessa igreja, durante os cultos e também alguns folhetos distribuídos.

Usando uma oratória vibrante, o pastor exorta os fiéis durante todo o discurso:

“A vida nos dá várias oportunidades, mas é preciso saber aproveitar. Deus dá, mas é preciso ajudá-lo, e ajudar ele é ajudar você. Você só colhe os frutos depois de muito trabalhar. Como você vai ficar em paz se você não cumpre com suas obrigações. O culto é muito importante se você só vem às vezes, não resolve. Tem que vim todo dia. Não pode faltar.”

O discurso dos pastores é o meio pelo qual o fiel tem contato direto com a doutrina. Se em algumas religiões o indivíduo que leva a palavra aos fiéis necessita antes ter uma formação sólida baseada em ensinamentos da doutrina, que leva anos para ser compreendida, na Igreja Universal não. Baseando-se em seus preceitos, a Igreja prega a urgência da população mundial em ouvir a Palavra de Deus, por isso compreende a necessidade imediata de formar pastores.

Para a Igreja Universal do Reino de Deus não é preciso estudar cinco anos de Teologia para falar do que o amor, a misericórdia e o poder de Jesus podem fazer na vida dos que o aceitam como Salvador. A IURD prega uma fé prática, ativa e dinâmica. Seus pastores são orientados a levar o povo a vivê-la, não buscando apenas sabedoria. Quem determina o chamado para a obra é o Espírito Santo, de acordo com o caráter, a fé e a disponibilidade do candidato. <<http://www.igrejauniversal.org.br>>

A Igreja entende que a verdadeira fé, o encontro real com Jesus e a unção com o Espírito Santo são suficientes para que pastores sejam consagrados. Só aquele que é verdadeiramente ungido pelo Espírito de Deus se propõe a uma vida de lutas e sacrifícios. Para os que são realmente tocados, trabalhar na obra de Deus, seja da forma que for, é uma bênção, porque é um privilégio servir ao Senhor dos senhores. <<http://www.igrejauniversal.org.br>>

Procuro evidenciar as estratégias de interpelação discursivas que funcionam em nome “Deus”. A voz do pastor faz a defesa da fé, com a garantia de ser o escolhido por Deus para passar seus ensinamentos.

“Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu farei.”

(João 14:14)

Antes, porém é necessário identificar, alguns aspectos presentes na experiência religiosa destes fiéis. Os discursos são inovadores, nada se compara aos discursos já existentes. Trata de um fenômeno único.

Em todo o discurso é possível perceber a presença de três elementos: *conversão, exorcismo e cura*. Esses elementos estão incorporados nas vivências de membros, obreiros e pastores. Eles norteiam todas as falas e, através deles, é que as ações tomam sentido. É possível também relacionar, como fator condicional, fé e bem-estar.

“Você tem fé meu filho? Por que é necessário que se tenha fé, e aí sim, tudo poderá mudar em sua vida. Tenha fé e fale comigo em nome de Jesus. Em nome de Jesus, Confie em Jesus, você vai arrumar um emprego Coisas boas vão surgir para você.. Mas acredite, filho! Assim você irá vencer os obstáculos do demônio.”

Relembrando mais uma vez a concepção desta igreja, todos os elementos contrários ao plano que Deus reservou ao fiel, ou seja, problemas físicos, desemprego, problemas familiares, drogas, problemas mentais ou emocionais, e pobreza... (tudo é diagnosticado como *doenças*) são artimanhas únicas e exclusivas do demônio, ou seja, passíveis de serem *exorcizadas*, isto é, *curadas* pelos pastores da Igreja, que são os representantes de Deus.

Essa ação evidencia-se em um dos muitos textos distribuído pelos obreiros (convite para participar dos encontros de oração):

SE O SEU PROBLEMA É:

Enfermidade, Desemprego, Falência, Crise Familiar, Causa na Justiça, Obra de feitiçaria, Vícios (álcool, drogas, jogos), Sentimental, Inveja, Angústia, Depressão, Fraqueza Espiritual, etc...

VISITE A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS
PARTICIPE DAS CAMPANHAS DE ORAÇÃO
SEGUNDAS, QUARTAS E SEXTAS ÀS 15:00 e 19:00 hs.

Panfleto distribuídos pelos obreiros

Entretanto, o exorcismo precisa estar ligado a uma entrega a Jesus. E esta entrega a Jesus se dá através de uma *conversão* à proposta simbólica religiosa da Universal. Como as *doenças* adquirem uma conotação diferente do senso comum, sem dúvida alguma, e não poderia ser diferente, o *tratamento* (o cuidado com o doente) e a *cura* também são feitos de forma distinta deste mesmo senso comum.

Mas o fato de tratar de *doenças palpáveis* faz toda a diferença. O discurso religioso utilizado exhibe uma preocupação com o bem-estar do fiel, mostrando-se interessado em orientar e ajudá-lo a superar as aflições cotidianas. Isso faz o fiel se sentir protegido.

A comunicação é total com o público; para isso, nos discursos, os pastores usam uma linguagem caracterizada pela simplicidade, bem coloquial e, quase sempre de maneira pedagógica, conseguem explicar temas mais complexos com facilidade, principalmente à população de menor escolaridade.

Quanto ao aprendizado, devem conhecer as verdades bíblicas, sendo preciso entendê-las com o coração, a alma e o espírito. A Palavra deve ser respeitada e obedecida para que haja intimidade com Deus. A linguagem simples deve valorizar a comunhão com Nosso Senhor. <[http:// www.igrejauniversal.org.br](http://www.igrejauniversal.org.br)>

Sem se expressar de forma erudita, de difícil compreensão, os pastores tratam diretamente do mal, falando de enfermidades, baixos salários, desempregos, brigas entre cônjuges e pais e filhos, separações amorosas, alcoolismo, vício em drogas, nervosismo, solidão, depressão.

“O segredo está na oração que fazemos com fé. Esta oração vai abençoar você e toda a sua família. Muitas pessoas que fizeram esta oração foram atendidas e curadas. Em nome de Jesus”

O fiel necessita apenas “compreender” os textos sagrados como a igreja em questão determina para estar de acordo com o perfil de pastor. O discurso passa a ser e ter uma função interpretativa, neste momento de disputa por “almas”.

A passagem de Êxodo 21:2-6 diz:

“Se comprares um servo hebreu, seis anos servirá; mas ao sétimo sairá forro, de graça. Se entrar sozinho, sozinho sairá; se tiver mulher, então com ele sairá sua mulher. Se seu senhor lhe houver dado uma mulher e ela lhe houver dado filhos ou filhas, a mulher e os filhos dela serão de seu senhor e ele sairá sozinho. Mas se esse servo expressamente disser: Eu amo a meu senhor, a minha mulher e a meus filhos, não quero sair forro; então seu senhor o levará perante os juízes, e o fará chegar à porta, ou ao umbral da porta, e o seu senhor lhe FURARÁ A ORELHA COM UMA SOVELA; e ele o servirá para sempre.”

Através desse trecho o pastor tenta justificar o fato de usar piercing e brincos, a leitura da passagem acima vem acompanhada da seguinte interpretação passada aos fiéis:

“Esse texto é mais específico com relação aos piercings e brincos, e que belo significado nos mostra essa passagem. O servo de orelha furada era exatamente aquele que, por opção, preferia continuar como servo de seu senhor. Que renunciava seus bens, sua herança, e até mesmo sua liberdade, simplesmente por AMOR àquele a quem servia. Eu sou um servo do Deus Altíssimo tenho um piercing na parte superior da orelha esquerda. Gostaria de não tê-lo somente no meu corpo físico, mas também no espiritual, na minha consciência.”

“A IURD prega uma fé prática, ativa e dinâmica” <<http://www.igrejauniversal.org.br>> nessa afirmação estão implícitas as modificações existentes nos ritos e, principalmente, nos processos de interpretação e comentários dos textos sagrados. Apesar dos temas dos cultos de todas as unidades da igreja basearem-se em: prosperidade, sessão do descarrego e reunião da cura, filhos de Deus, família, libertação, terapia do amor, louvor e adoração/ Santa Ceia, cada unidade segue as características do lugar onde está instalada.

Três Corações é uma cidade interiorana, onde a religião católica, apesar de todos os reveses que sofreu, ainda se mantém detentora do poder entre a classe dominante. A Igreja Universal aproveita-se da situação de desorientação generalizada da sociedade, para recorrer a temas do cotidiano, de fácil entendimento, em contrapartida à religião católica que se faz valer muitas vezes de temas complexos nos sermões.

Nesses discursos, é imprescindível, para haver uma interação plena entre locutor e ouvintes, percebermos, além do conteúdo pragmático, o conteúdo retórico que reforça as condições de significações. O uso intencional em alguns momentos da retórica emocional é facilmente percebido, principalmente quando os discursos são improvisados.

“Sangue de Jesus tem poder! Saiiiii demônio! Em nome de Jesus! Ajude essa irmã”

Por meio da palavra do pregador, que tudo pode, por ser o escolhido do “Senhor”, até mesmo constranger ou ameaçar, os fiéis se curvam as suas premissas. A necessidade de libertação, que já é grande para quem supõe viver sob a onipresença do mal, aumenta à medida que se enfatiza o poder de superá-lo.

A todo momento, os pastores da IURD conclamam os fiéis a dizerem: “Em nome de Jesus”. Isso teve ser dito alto, bem alto.

Os conceitos construídos pela Igreja adquirem lógica, até mesmo quando o *tratamento* não funciona. A explicação dada é a falta de fé (a conversão não aconteceu de fato), ou seja, o próprio fiel é culpado.

“Durante uma sessão o pastor pergunta quem está com alguma dor. Uma mulher levanta a mão e diz que sente muita dor nas costas. Ela é convidada a ir para frente do culto e o pastor coloca a mão na sua cabeça e faz uma oração que os presentes não conseguem compreender porque é muito rápida e não é clara, a não ser às vezes em que grita ‘EM NOME DE JESUS!’. Depois de alguns minutos ele pergunta a mulher se passou, ela responde que não. Então, ele recomeça a oração. Mais uma vez ao terminar, questiona a mulher que responde categoricamente que a dor não passou. O pastor então se vira para a platéia e diz: *“estão vendo, não adianta só eu ter fé, a pessoa que está sendo atendida pelo demônio também tem que ter, senão não resolve. Vamos todos orar pela irmã! Irmã, volte mais vezes na casa do senhor, todos vamos orar para você. E tenha fé !!!EM NOME DE JESUS! Só assim você irá melhorar.”*”

O poder divino é limitado pelo livre-arbítrio do fiel, que, se não estiver na “plenitude do Espírito”, ou se ceder à sua inclinação pecaminosa, poderá sucumbir às artimanhas do Diabo. Esses discursos (pastores da IURD), previamente, já esclarecem que Deus está sempre disposto a ajudar se isso não acontecer é porque alguma coisa em VOCÊ não está correta!

“Fé! Vocês sabem o que é isso? Sabem? Porque quando temos problemas, aí sim, todos dizem que tem fé. Mas Deus sabe quem está dizendo a verdade. Vocês não têm como esconder “dele”. Se vocês estiverem mentindo não vão conseguir nada, aí não adianta por a culpa no pastor ou na Igreja, porque quem faz alguma coisa é Deus e ele sabe bem quem está dizendo a verdade.”

Os discursos são formulados por um raciocínio em que a argumentação é realizada com um grau de fechamento completo, não restando ao receptor qualquer dúvida quanto à verdade anunciada. Acena-se com a utopia da justiça para todos, prega-se a culpa, juntamente com a realização das possibilidades individuais e, acima de tudo, associa-se o discurso religioso ao discurso da salvação.

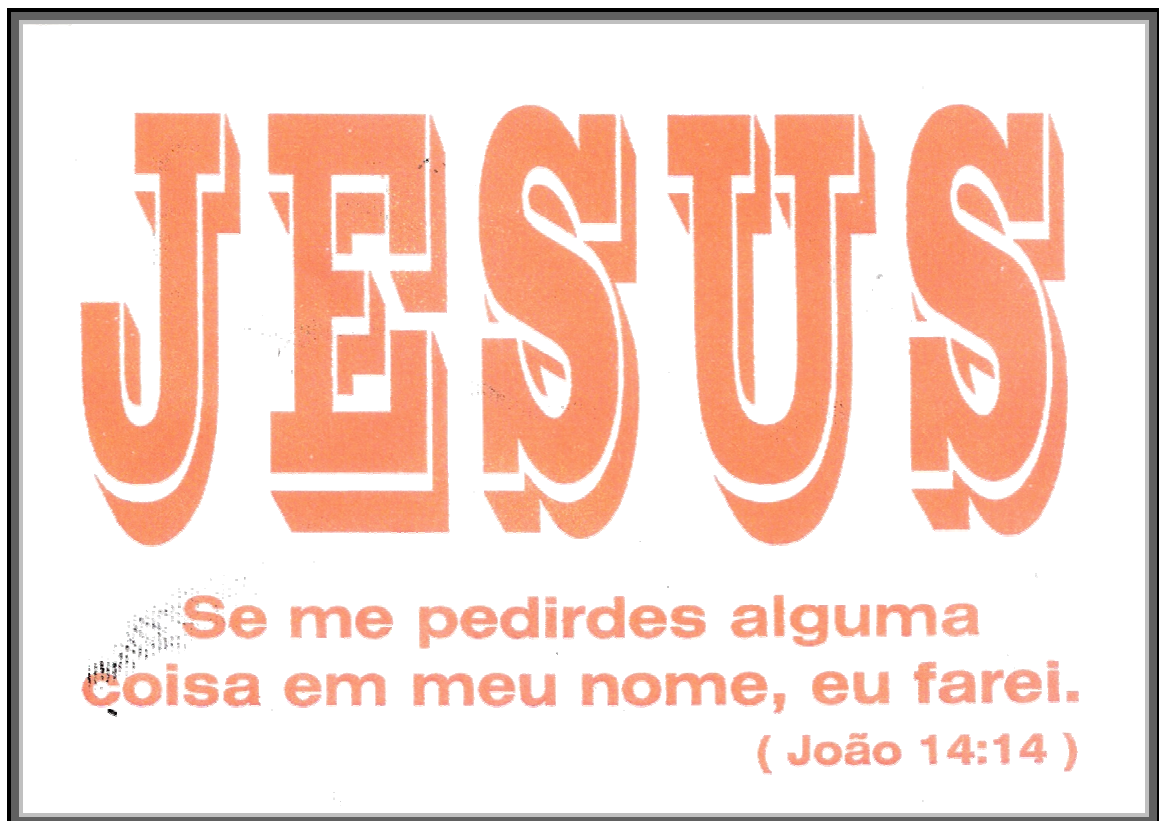
o eu não está “lacrado”: ele é capaz de atravessar a fronteira e de imaginar o outro como sujeito e ver a si mesmo como objeto. (BAKHTIN, *apud* STAM, 2000, p.18).

Os discursos são repetitivos, lidam com os mesmos problemas, apresentam as mesmas soluções e fazem o mesmo diagnóstico das causas, mas as formas dos rituais são bem variadas de modo que não se tornam enfadonhos para os fiéis.

A fala demonstra uma postura de confronto juntamente com intolerância à teologia de outras religiões, transparecendo uma religiosidade agressiva e combativa que influencia por outros meios que não a argumentação, em especial por recursos psicológicos.

essas igrejas se utilizam de um simbolismo muito semelhante ao encontrado nas religiões afro-brasileiras. Nossa opinião é que apenas os valores (positivo e negativo) se apresentam invertidos, sendo os elementos em jogo os mesmos(...)Na verdade,nessas igrejas, no Candomblé e na Umbanda se fala uma mesma linguagem. (SOARES, 1990, p. 88)

Na fala dos pastores um dos aspectos que mais chamam a atenção nos cultos da IURD é a forma com que o dinheiro é envolvido.



Envelope distribuído ao término dos cultos (onde deverá ser colocado o dízimo)

O *dízimo* é uma das formas de se *circular* o dinheiro na IURD. Nesta obrigação há um referendamentum bíblico (Lucas 6, 38; Malaquias 3, 9-11; Mateus 22, 21; Segunda carta de Paulo aos Coríntios 9,7.) para tal prática, que não é só presente nesta igreja. Contudo, justamente por ser uma prescrição divina, o fato de não estar em dia com o seu *dízimo* representa pesadamente, dentro desta igreja, para o fiel o ato de *roubar de Deus*, já que o *dízimo* é a parte reservada a Ele. Isso é lembrado sempre que possível aos fiéis.

“Se você não ajudar, a palavra do Senhor não poderá chegar a todos os nossos irmãos que necessitam, sendo assim não estará fazendo seu papel, seu caminho poderá ficar prejudicado...”

Além disso, ser *dizimista* adquire uma conotação identitária que distingue o membro do não-membro, demonstrando claramente um *sinal de pertença* à igreja. Dentro desta perspectiva, somente o *dizimista* poderá pleitear de fato uma *vida abençoada* por Deus.

Constrangimento, ou ato de constranger, é um hábito nos cultos, muito praticado pelos pastores. Em um dos muitos cultos que estive presente presenciei esse ato:

“Depois de pedir aos presentes que fossem a frente colocar a quantia que pudessem afim de ajudar a manter o templo para a palavra do Senhor pudesse ser divulgada. O pastor percebendo que muitos não se mexeram disse: “Aqueles que não puderem doar nada levantem as mãos.” Alguns presentes obedeceram e o pastor completou: “Agora balancem a mão (fazendo sinal de adeus), estão vendo, é assim que Deus fará quando precisarem dele.””

Numa outra categoria de circulação de dinheiro, encontram-se as *ofertas* que não abstém em momento algum o fiel do seu dever para com o *dízimo*, ao contrário, é algo que vai além deste. Na oferta, o dinheiro adquire a conotação de *canal de comunicação*, de *intermediação* e *barganha* com o sagrado, numa forma direta com Deus.

A Cruz da Vitória



A Prece Milagrosa

Óh! Senhor Altíssimo Deus, eu te invoco para pedir o livramento de toda obra maligna na minha casa. Tira todo mal-olhado, doença e miséria, me conceda tua graça dando paz, saúde, sorte e prosperidade nesta família. Senhor, abençoa a todos e protege, eu te agradeço em nome de Jesus.

Amém!

3 PASSOS PARA A VITÓRIA

➤ **1º Passo**

O segredo todo é fazer com FÉ e não quebrar a corrente. Esta corrente da CRUZ DA VITÓRIA é para abençoar a sua família. Muitas pessoas que fizeram esta corrente foram atendidas, pessoas foram curadas, ficaram livres de vícios, espíritos imundos e obras de macumbaria. Desempregados foram atendidos. Pessoas que tinham seus lares destruídos foram abençoados.

➤ **2º Passo**

Você deverá ficar com este pão, em formato de cruz, atrás de uma porta de sua casa. Faça a prece todas as noites antes de ir dormir.

➤ **3º Passo**

Leve nesta data abaixo na SESSÃO DO DESCARREGO. Na Igreja Universal do Reino de Deus, Praça Pelé, nº 15 Centro.

LEVAR ATÉ O DIA: ____ / ____ / ____

Escreva aqui
Seu Pedido

Horário:
08:00
15:00
19:30



O fiel escreve seu pedido atrás do papel e junto com a quantia de dinheiro coloca no altar.

As ofertas são utilizadas especificamente nas *correntes*, que são dias específicos da semana dedicados a objetivos também específicos: Segundas-feiras, corrente da *prosperidade*; terças-feiras, *curas divinas* ou da *saúde*; quartas, *louvor*; quintas, *problemas familiares*; sextas, *libertação* que é basicamente manifestações dos demônios e suas expulsões; sábados, *louvor e agradecimento*; domingos, *louvor*.

“Não se esqueça de seus compromissos! Se você começou sua corrente, ela só dará certo se você fizer direito.”

Estabelece-se assim um *pacto coercitivo* direto com Deus, em que Ele não poderá ficar impassível diante de uma fé demonstrada desta forma tão evidenciada.

No ato da oferta, Deus se transforma em *credor* do ofertante e terá que honrar seu compromisso com seu filho. Porém, se houver dúvida ou apego do fiel nesta hora, o que pode ser ardilidade do demônio, Deus não o abençoará porque não se está firme na sua fé - o que fecha mais uma vez uma coerência simbólica.

“Acredite, se você tem fé, seu pedido será atendido, Jesus não se esquece daqueles que estão sempre com ele, sempre presentes. Ele não irá lhe decepcionar.”

Rompe-se aqui com a passiva tradição popular da *promessa*, em que esta é cumprida se a *graça for alcançada* através da intermediação dos santos. Na oferta, ao mesmo tempo que o *contrato* com Deus é direto, sua prática se aproxima dos *trabalhos* dos cultos afro-brasileiros realizados para as entidades de seu panteão, onde já se estabelece um objetivo a ser atingido de uma forma mais incisiva a partir de uma *magia coercitiva*.

Além destes aspectos, dentro da IURD, *ofertar* e *dar o dízimo* possuem conotações exorcísticas. Se você demonstra a sua fé através das ofertas e dá a parte que cabe a Deus através do dízimo, mais dificilmente será tentado pelo demônio. É comum nos rituais exorcísticos da IURD, os demônios manifestados e dominados pelos pastores recolherem de um forma humilhante as ofertas e os dízimos dos fiéis.

Na IURD, o dinheiro é visto, além destas conotações simbólicas acima, como algo não sujo. Ao contrário, é manipulado pelos fiéis como algo que dá prazer e que é bem vindo pois, sofrimento, pobreza e doença não fazem parte dos planos de Deus e sim dos do Demônio. Assim, a *Teologia da Prosperidade* é amplamente *pregada* nesta igreja, rompe-se com a idéia de que de que sofrimento e pobreza são caminhos para redenção. *O paraíso é o aqui e agora* e se não está sendo, é porque alguma coisa está errada! Não há muito uma preocupação escatológica e a idéia é *tomar posse* (GOMES, 1994:232) de tudo que Deus reservou para os seus filhos neste mundo e não em outro lugar distante da realidade do fiel. Nesta perspectiva, os filhos de Deus estão destinados a serem prósperos, saudáveis, felizes e vitoriosos em todos os seus empreendimentos terrenos.

A questão mais interessante, que reforça esta lógica teológica e simbólica da IURD, é o fato de realmente muitos conseguirem se reestruturar economicamente, adquirindo um maior conforto e tranquilidade financeira nunca experienciados outrora.

existem (situações) em que a pessoa se converte e realmente sua vida melhora, começa a trabalhar, pára de beber, etc. Esses casos, sempre que contados, provocam uma reação estranha nas pessoas. Muitos falam dos crentes com uma certa inveja, até. No fundo, eles têm consciência de que a vida das pessoas melhora, só que não conseguem explicar por que (...) (SOARES, 1990, p.101)

“Eu, mesmo, não tinha nem onde morar, até encontrar Jesus. Eu achava que tinha muitos amigos, vivia nas festas, bêbado, achava que era feliz.... minha família estava destruída e eu não percebia. Não tenho vergonha de falar pra vocês, isso não. Foi um primo meu que me fez encontrar Jesus. Um dia ele me levou num templo, a partir desse dia minha vida começou a mudar e hoje estou aqui contando minha história pra vocês. Irmão, chore, pode chorar, Deus está te recebendo, não tenha vergonha.

O fiel começa a chorar e falar: “Eu batia na minha mulher e nos meus filhos”.

Não era você irmão, sua mulher já sabe disso. Assim como minha vida a sua também vai mudar. Uma salva de palmas pra nosso irmão. Aleluia!Mais um pro nosso rebanho. Mais um pra lutar com a gente. Em nome de Jesus!

Outro aspecto que entendemos como interessante é o enfrentamento da IURD com as outras religiões, ao mesmo tempo que combate essas religiões, *reafirma-as* como importantes porque são demoníacas. Os pastores enfatizam a todo momento esse lado demoníaco destas religiões, *reafirmando-se* ao mesmo tempo a necessidade da existência da própria IURD, como única combatente capaz das mesmas.

“Todo evangélico sabe: tá na Bíblia, não devemos fazer idolatria, quem gosta disso é demônio.”

Curiosamente a IURD, absorve elementos e concepções das *inimigas*, como nos rituais das religiões afro-brasileiras, utiliza-se o sal grosso, a arruda, o fechamento de corpo bem como a invocação das entidades para que se manifestem, contudo aqui para o objetivo é o exorcismo. O ritual das *correntes* se assemelha com a prática das *novenas* católicas. O uso da famosa *água fluidificada* nas religiões kardecistas também está presente dentro dos rituais e programas de televisão da IURD.

“Ao final de um culto, o pastor entrega ao fiéis um saquinho de sal grosso para ser colocado na comida, durante um semana, da pessoa da casa que não aceita Jesus (sem a pessoa saber).”

Há um jogo dialógico entre o locutor e interlocutor, com o que se constroem os discursos. O cotidiano, a memória, a metafísica e outros domínios são algumas vezes cultivadas pelo pastor que ao longo de seu discurso é evidenciada. O pastor utiliza da sua percepção do cotidiano na cidade e a transforma em uma suposta realidade viva para ser ouvida.

Todos os acontecimentos na cidade são refutados pelos pastores. Por exemplo, na ocasião de uma festa tradicional da cidade os discursos enveredavam pela manutenção da ordem:

“As mulheres devem respeitar os maridos e os maridos as mulheres, não podem ficar dançando nas ruas, no meio de arruaças. O marido quando chega em casa quer encontrar sua esposa em casa com seus filhos e mulher quer seu marido em casa.”

No discurso desses pastores há esperança para todos. Deus tem um plano grandioso para vida de cada um. Jesus quer libertá-los do mal e conceder-lhes “vida em abundância”, saúde perfeita, prosperidade material e felicidade. O reino dos céus aqui na Terra está ao alcance de todos. Não há mistérios ou mensagens herméticas a desvendar nem morosos complicados ritos iniciáticos pelos quais passar, muito menos obstáculos a transpor. Basta aceitar a Cristo, declarar verbalmente já ter recebido suas promessas bíblicas, ser fiel nos dízimos, generoso nas ofertas e ter fé, muita fé no Deus vivo que tudo pode.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fim do monopólio religioso deu origem ao que podemos chamar de “mercado das religiões”. Situação percebida pela proliferação dessas que, com o intuito de adaptarem-se aos novos tempos e não perderem adeptos, interferem nos processos de interpretação dos textos sagrados.

Mas por que cada vez mais pessoas abandonam suas religiões para tornarem-se evangélicas? No Brasil, em especial na cidade de Três Corações, o catolicismo que situava-se hegemônico e em grande medida inquestionável, pelo menos nos últimos vinte ou trinta anos, cedeu muito espaço para as explicações seculares do mundo, caracterizando um esvaziamento axiológico. Esse processo de secularização do catolicismo produziu em seus fiéis um sentimento de desamparo e fragilidade perante os acontecimentos cotidianos, além da perda de sentido. Esse momento foi crucial para a penetração e expansão de outras denominações religiosas, dentre essas, as que são análise desse estudo, as neopentecostais (Universal do Reino de Deus). Essas novas religiões funcionam como refúgios onde os “órfãos” iriam buscar abrigo.

Agora que o indivíduo já não está preso à religião de nascimento, ele se torna livre para escolher os serviços religiosos com os quais vai poder contar na “hora do aperto”; assim a própria concepção de conversão religiosa se modifica e toma outro sentido. Se, antes, mudar de religião significava uma verdadeira ruptura com toda uma história de vida, seus valores, concepções, etc., agora a conversão apenas se refere à benesse que o indivíduo pode obter ao adotar outra religião, como se o fiel fosse a uma prateleira e consumisse aquilo que acalma seus anseios. O discurso dos pastores reforça essa característica.

O segredo dos discursos está na fusão que os pastores fazem entre a vida e os ensinamentos bíblicos. Uma mistura híbrida explosiva. Quando discursam para os fiéis viram quase deuses, passam a impressão da vivência, da experiência e da certeza de que a salvação está ali. Revelam em seus textos todo o cotidiano que perturba os fiéis, conseguem transpor o

silêncio de todas as aflições e sem culpas, sem rodeios ou escamoteações, mostram o caminho para o paraíso, ou pelo menos acenam com eles.

Sócrates já dizia: “a verdade não está com os homens, mas sim entre eles.” De acordo com a visão bakhtianiana, há diferentes formas de falar, diferentes vozes no mundo em que vivemos. Precisamos da interação dialógica entre pessoas, “a verdade não se encontra no interior de uma única pessoa, mas está no processo de interação dialógica de pessoas que se procuram coletivamente” (BAKHTIN, 1984, p.110).

Os pastores falam o que os fiéis querem ouvir, o que procuram para sanar seus problemas. Através da sua argumentação dialógica, o pastor junta a palavra com o pensamento, o compreende e intervêm. O pensamento, diz Vygotsky (1993, p.108), “não é expresso em palavras, mas é através delas que passa a existir”.

O homem sempre se expressa através de textos, “onde não há texto, também não há objeto de estudo e pensamento” (BAKHTIN, 1992, p.329). A linguagem é material vivo e passa por mudanças. Consciente ou inconsciente disso, o pastor percebe a força das palavras. Citando Bakhtin “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (*idem*, p.113).

A análise teórica deste trabalho pretendeu traçar a forma como se organiza a ordem das palavras a partir dos mecanismos de poder e autoridade expressos no discurso religioso da IURD. Para a compreensão desse processo é necessário perceber que a busca da construção de seu espaço, faz com a IURD assumam discursos e práticas proselitistas agressivas, pois está em jogo o crescimento de seus adeptos.

E o resultado disso é o crescimento cada vez maior da IURD que consegue, de uma forma própria, responder as questões que são fundamentais para o ser humano. Combinando aspectos pré-modernos, modernos, pós-modernos e sincréticos.

Foi possível observar através dos elementos simbólicos desta Igreja que não existe uma *inauguração* de um novo sistema simbólico, mas sim, um *re-arranjo* e uma *re-significação* de elementos já *re-conhecidos* pelos fiéis dentro do *campo religioso brasileiro*. O que nos remete a uma vivência de sensação de *totalidade* e não uma construção, mas de *re-construção* de sentido muito grande.

O principal fundamento deste trabalho é o reconhecimento da palavra como instrumento de poder através da necessidade da busca em um ente supremo que satisfaça esse homem pós-moderno.

A vida é agora, o mundo é este. O que interessa é o aqui e agora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo : Ática, 1982.
- ANTONIAZZI, Alberto (Org). *A igreja católica face à expansão do pentecostalismo (prá começo de conversa)*. In *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis : Vozes, 1994. p. 17-23.
- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro : Ediouro, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo : Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo : Hucitec, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévsky*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1981.
- BARROS, Monica do Nascimento. *Guerreiros do Senhor: um esboço da cosmologia neopentecostal*. Mimeo, 1996.
- BARTHES, Roland. *O discurso da História*. In: _____. *O rumor da língua*. São Paulo : Brasiliense, 1988. p. 145-157.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Obras Escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. 7 ed. São Paulo : Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado*. Trad. José Carlos Barcellos. São Paulo : Paulos, 1985.
- BIRMAN, Patrícia. *A batalha do Armagedom. Uma análise do repertório mágico-religioso proposto pela Igreja Universal do Reino de Deus*. 1995. Dissertação de mestrado em sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens*. In *Religião e Sociedade* , v. 17, n.1-2. Pentecostes e Nova Era : fronteiras, passagens. Rio de Janeiro : ISER, 1996.
- BONFATTI, Paulo Ferreira *Remédio amargo*. In *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 24-33.
- BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas : Ed. da Unicamp, 1997.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Xô satanás! Uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus*. Dissertação de mestrado em Ciência das Religiões, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1998.
- BRANDÃO, Helena H. *Introdução à Análise do Discurso*. 3a. ed. Campinas : UNICAMP, 1994.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Os deuses do povo*. São Paulo : Brasiliense, 1980.
- CARDOSO, C.; RODRIGUES, N. *Idéia de sofrimento e Representação Cultural da Doença na Construção da Pessoa*. In: Duarte e Leal (orgs.). *Doença, Sofrimento, Perturbação: Perspectivas Etnográficas*. Rio de Janeiro : Ed. Fiocruz, 1993.
- CORTEN, André. *Teatro, templo e mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis : Vozes; São Paulo : Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo (Co-Edição), 1997.
- CUPITT, Dom. *Depois de Deus – O futuro da Religião*. Rio de Janeiro : Rocco, 1999.
- CRESPI, Franco. *A experiência religiosa na pós-modernidade*. Trad. Antonio Angonese. Bauru : Ed. Universidade Sagrado Coração, 1999.
- DERRIDA, J.; VATTIMO, G. *A religião: seminário de Capri*. Com participação de Aldo Gargani, Hans-Georg Gadamer. [et.al]. São Paulo : Estação Liberdade, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo : Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo : Martins Fontes, 1981.
- FREITAS, M. T. A . Bakhtin e a Psicologia. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C. & CASTRO, G. (orgs). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba : Editora da UFPR, 2001. p.165-187.
- FRESTON, Paul. *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro : Mauad, 1998.
- KANT, Immanuel. *A Crítica da Razão Pura*. Trad. Valério Rohden e Ubdo Baldur. São Paulo : Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores).
- LACAN, Jacques. *Lê Séminaire*. v.20. Paris : Seuil, 1975.
- LACAN, Jacques. *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1995.
- MACEDO, EDIR. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 jun. 1991

- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky. Campinas : Pontes, 1989.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais – Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo : Edições Loyola, 1999.
- MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo : Paulinas, 1995.
- ORLANDI, E. *O Sentido Dominante: A Literariedade como Produto da História*. Versão publicada nos anais do Encontro Nacional de Lingüística, PUC, Rio de Janeiro, 1981.
- _____. *A Linguagem e o seu Funcionamento*. Campinas : Pontes Editores, 1987.
- _____. *Discurso e Leitura*. São Paulo : Cortez, 1988.
- _____ (Org.). *Palavra, Fé, Poder*. Campinas : Pontes Editores, 1987.
- ORO, Ari Pedro. *Ação diabólica e exorcismo na Igreja Universal da Reino de Deus*. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião PUC, São Paulo, 1995.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas : Editora da UNICAMP, 1988.
- _____. *Análise Automática do Discurso*. In.: GADET, E. & HART, T. *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas : Editora da UNICAMP, 1990.
- RAMOS, Maria Luiza. *Os avessos da linguagem*. Belo Horizonte : Imprensa Universitária, 1990.
- REVISTA DAS RELIGIÕES. São Paulo : Editora Abril, ed. 01, junho de 2004. 66p.
- REVISTA SUPER INTERESSANTE. São Paulo : Editora Abril, ed. 197, fevereiro de 2004. 98p.
- REVISTA VEJA. São Paulo : Editora Abril, ed. 1964, ano39, n.27, 12 de junho de 2006. 130p.
- REVISTA VEJA, RETROSPECTIVA 2003. São Paulo : Editora Abril, ed. 1834, ano36, n.51, 24 de dezembro de 2003. 134p.
- RICOEUR, Paul. *O avanço pentecostal e a reação católica*. Petrópolis : Vozes, 1996.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. *A religião numa sociedade em transformações (org.)*. Petrópolis : Vozes, 1996.

- ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Rio de Janeiro : Vozes, 1985.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis : Vozes, 1995.
- TODOROV, T. *Teorias do símbolo*. Lisboa : Edições 70, 1972.
- VERON, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo : Cultrix, 1980.
- VERON, Eliseo. *Ideologia, Estrutura e Comunicação*. São Paulo : Cultrix, 1960.
- VYGOTSKY, Lev. *Pensamento e Linguagem*. Reimpressão. São Paulo : Martins Fontes, 1993.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo : Pioneira, 1992.